Cogeração

Chave para a expansão da moagem de cana

Plinio M. Nastari*

O aproveitamento integral da energia da cana-de-açúcar, pelo uso econômico dos seus resíduos, vinhaça, bagaço e palha, é hoje um elemento-chave para continuidade da expansão da capacidade de moagem de cana-de-açúcar e a ampliação da oferta de açúcar e etanol de cana. É interessante que a expansão da capacidade de moagem esteja ligada à viabilidade da cogeração, pois os mercados de açúcar e etanol continuam em expansão.

O açúcar bruto a granel produzido no Brasil continua sendo o produto preferido das refinarias independentes de açúcar.

O etanol de cana, considerado mais limpo e renovável que o de milho, está cada vez mais valorizado. Nos Estados Unidos, por meio de um sistema de premiação através dos RINs (Renewable Identification Numbers), sobrepreços são definidos pelo próprio mercado para valorizar a sua capacidade diferenciada de poupar emissões de gases causadores do efeito estufa. Atualmente, o comércio internacional de etanol está totalmente liberado em mercados que representam 80% da demanda mundial, nos Estados Unidos e no Brasil, permitindo que ocorra um saudável comércio complementar entre estes mercados, usufruindo a alíquota zero de importação em vigor no Brasil desde 2010, e nos EUA desde 2011.

Depois de quatro anos de clima adverso, com excesso de chuvas em 2009, e períodos secos durante as safras de 2010, 2011 e até a primeira metade de 2012, o setor caminha para mais uma safra de cana em que a oferta ainda será contida. A provável moagem a ser realizada na safra 2012/13 deverá se situar entre 120 e 130 milhões de toneladas abaixo da capacidade instalada de moagem, estimada em cerca de 700 milhões de toneladas. Com esta diferença entre a oferta de cana e a capacidade instalada, poder-se-ia imaginar que a expansão da capacidade de moagem fosse uma preocupação longínqua – mas não deve ser. Esta capacidade excedente deve ser utilizada, se não totalmente, pelo menos em nível próximo ao efetivo pleno uso, em três ou no máximo quatro anos. Este é o prazo para instalação de novas usinas, ou de nova capacidade. Mas não se observa, ainda, um ressurgimento no interesse pela instalação de novas usinas. Isso significa que, dentro de três ou quatro anos, não haverá capacidade instalada suficiente.

Um dos motivos que explicam a atual falta de interesse pela expansão da capacidade de moagem é o fato da cogeração a partir de resíduos de cana não estar sendo valorizada como deveria, ou como já foi no passado recente. A alternativa à cogeração realizada em usinas próximas à conexão com a rede de distribuição de energia é a produção de etanol de celulose, utilizando enzimas para a transformação da celulose em açúcares fermentecíveis. Mas esta é uma alternativa que começa agora a se difundir.

A expansão da capacidade de moagem se dá necessariamente em localidades mais distantes dos portos, em regiões de expansão. Por razões de logística, nestas regiões é mais fácil viabilizar economicamente a produção de etanol que a de açúcar. Mas o resultado gerado pela produção de etanol é complementado com a renda gerada pela cogeração. Sem a cogeração, um dos eixos de sustentação da atividade fica faltando.

A cogeração a partir de resíduos de cana deveria ser incentivada, e, se as suas vantagens peculiares fossem devidamente valorizadas, a sua expansão estaria ajudando a viabilizar a expansão da capacidade de produção de etanol.

A vantagem da cogeração é a sua complementariedade com a geração de base hidroelétrica, por conta da sua sazonalidade. A sua geração ocorre principalmente nos meses de inverno, quando a cana é cohida, que são os meses secos em que as hidroelétricas operam em regime de baixa, e quando é fundamental poupar água dos reservatórios. A energia de cogeração a partir de bagaço e palha é energia firme, que é gerada próxima a polos de consumo, com menores custos de investimento e perdas de transmissão. Mas, aparentemente, não se conseguiu ainda no Brasil criar um sistema que permita a internalização no preço da energia de cogeração de suas inúmeras vantagens para o sistema interligado de geração elétrica.

As vantagens da cogeração precisam ser corretamente quantificadas para que não seja perdida a oportunidade de expansão adicional da capacidade de moagem. O retorno da viabilidade econômica da cogeração é elemento fundamental de viabilização de novos projetos de instalação de novas usinas, os *greenfields*.

Não reconhecer estas vantagens resultará em um futuro com mais energia térmica gerada a partir de combustíveis fósseis como o óleo diesel, o óleo combustível e o gás natural. Significará um retrocesso à enorme conquista brasileira de ter atingido um percentual elevado de renovabilidade em sua base de geração elétrica. E de forma interessante, mas absolutamente real, como consequência adicional um atraso na expansão da capacidade de moagem de cana, o que pode reduzir o grau de utilização de etanol em nosso mix de combustíveis no futuro. ■

*Mestre e doutor em Economia Agrícola e presidente da Datagro Consultoria